



ID: 48127754

08-06-2013

OBSERVATÓRIO

Os jovens e os seus consumos no centro das preocupações

Projeto

Álcool, drogas, ansiolíticos, antidepressivos, mais medicamentos e produtos naturais. Os jovens (e as misturas que fazem) como tema do projeto de que o Expresso é parceiro

O consumo de álcool e drogas, incluindo as chamadas *smart-drugs* e outras substâncias psicoativas, como antidepressivos e ansiolíticos, continua a aumentar em Portugal. Os jovens devem ser cada vez mais alertados para os danos em saúde, que são muitas vezes irreversíveis, e também para o perigo das interações das misturas que muitas vezes fazem com alguns medicamentos, lembra Maria da Graça Campos, docente e investigadora da Faculdade de Farmácia de Coimbra e coordenadora do Observatório de Interações Planta-Medicamento.

No caso do álcool, por exemplo, a interação com medicamentos pode causar várias falhas terapêuticas — desde a ineficácia de antibióticos ao efeito cu-

mulativo de depressão do sistema nervoso. É de particular importância a combinação com o paracetamol, que pode aumentar a toxicidade.

No que concerne às drogas ilegais em geral, Maria da Graça Campos recorda que muitas são de origem natural, como por exemplo a heroína (obtida da morfina que se retira da papoila dormideira), a cocaína (das folhas da coca) ou o LSD (de um fungo que se desenvolve no centeio). Já “os canabinoides naturais (da planta *Cannabis sativa*) e os sintéticos acentuam o efeito psicotrópico das benzodiazepinas, álcool e barbitúricos”, acrescenta. Esta droga potencia a ação dos relaxantes musculares, broncodilatadores, antieméticos, fenotiazidas, medicamentos antiglaucoma, antiepiléticos, disulfiram, varfarina (hemorragias), antidepressivos como a fluoxetina e de outras drogas como a cocaína ou os opiáceos.

Época de exames

O uso de medicamentos na época dos exames traz vários problemas aos alunos. Muitas destas substâncias induzem o aumento dos níveis de neurotransmissores (como a serotonina ou a noradrenalina), mas o custo na atividade neuronal a curto e longo

prazo pode ser muito elevado, dado que no geral estas substâncias são produzidas sem nenhum controlo (muitas nem se sabe o que contém) e o impacto que causam no organismo muitas vezes é imprevisível. A constante síntese de substâncias várias cuja estrutura está sempre a ser alterada não permite que possamos estudá-la o suficiente para poder ajudar com mais segurança e alertar para os efeitos nefastos. Por outro lado, o uso excessivo de ansiolíticos e de antidepressivos também é feito muitas vezes em abuso. Em época de exames pode funcionar em contracorrente, dado que a memória é diminuída com o seu consumo.

Benzodiazepinas e antidepressivos

De qualquer modo, as pessoas a quem foram prescritas benzodiazepinas ou antidepressivos devem evitar o consumo de álcool e de todas as plantas e/ou extratos cuja metabolização seja via o complexo enzimático CYP 3A4, porque vai alterar os seus níveis plasmáticos. Por exemplo, erva de São João (hipericão), sumos de laranja, ginkgo, frutos de schisandra, sálvia comum, valeriana, castanheiro da Índia, equinácea, chá verde,

oolong ou preto (obtidos da *Camellia sinensis*).

Pílula contraceptiva e do dia seguinte

Outro aspeto importante das interações, neste caso em mulheres em idade fértil, está relacionado com as pílulas anticoncepcionais e do dia seguinte.

A pílula contraceptiva pode sofrer interações com outros medicamentos ou produtos de origem natural. A professora Margarida Castelo-Branco, docente/investigadora da Faculdade de Farmácia e membro fundador do OIPM, lembra que “quer os estrogénios quer os progestagénios que compõem a pílula sofrem intensa metabolização hepática, pelo que determinados aumentos da atividade enzimática do fígado, causados por diversas substâncias, podem fazer diminuir os níveis das hormonas contraceptivas em circulação”.

Principalmente se estivermos a lidar com pílulas de baixa dosagem (as mais recentes), estas podem perder eficácia — o mesmo é dizer: dessa interação pode resultar uma gravidez indesejada. É o caso de alguns antiepiléticos, conhecidos por serem indutores enzimáticos (carbamazepina, por exemplo), ou do hipericão, também ele um potente in-

dutor enzimático, o que conduz a um decréscimo da ação do medicamento.

Com a pílula do dia seguinte “passa-se o mesmo”. Além disso, todos os medicamentos ou produtos naturais que alterem a flora intestinal — causando diarreias ou não — também podem diminuir a eficácia da pílula, na medida em que vão interferir com a absorção ou com a circulação entero-hepática dos estrogénios. É o que acontece com alguns antibióticos de largo espectro ou com os produtos naturais que as mulheres tomam muitas vezes para emagrecer. Outro tipo de interações tem a ver com o aumento do risco de trombo-embolismo venoso. Sabemos que os contraceptivos hormonais aumentam a coagulabilidade do sangue; se a mulher estiver a tomar de forma crónica outras substâncias que também elas provoquem alterações na cascata da coagulação (ex: soja, ginseng) poderá haver potenciação de efeitos e o risco de vir a sofrer um trombo-embolismo é muito maior.

Para mais informações o Observatório de Interações Planta-Medicamento dispõe de uma linha de apoio à população e aos profissionais de saúde (239 488 484). Mais informações podem também ser consultadas no site (www.oipm.uc.pt).

“Aprender saúde entre as plantas e os medicamentos” é um projeto pioneiro do Observatório de Interações Planta-Medicamento financiado pelo Programa COMPETE Ciência Viva/QREN e coordenado por Maria da Graça Campos, que dedicou os últimos 30 anos à investigação científica com plantas e que integra o Grupo Drug Discovery do Centro de Estudos Farmacêuticos da Universidade de Coimbra (UC). A docente da Faculdade de Farmácia da UC, que tem lecionado, além de Farmacognosia (medicamentos a partir de matrizes naturais), Plantas Medicinais e Fitoterapia, juntou colegas de várias áreas científicas e com eles tem reunido e estudado a realidade portuguesa quanto ao consumo concomitante de medicamentos e produtos naturais (plantas medicinais ou alimentos). Avaliaram as interações que podem causar mais danos na saúde e agora estão em condições de começar a devolver à sociedade essa informação. O Expresso é um dos parceiros.